

Jornalista em formação, repórter por profissão (e extremamente cativante)

Quando fiquei sabendo que teria que fazer o perfil de uma pessoa da imprensa do Estado, logo me veio à ideia de fazer com a repórter do Equatorial Cidade Mirrelle Rabelo, pois por inúmeros motivos imaginei que seria fácil, conheço seus familiares, seus amigos, pessoas do seu trabalho e por último, mas não menos importante, ela é minha irmã.

O fato é que me enganei, apesar de morarmos na mesma casa. Mirrelle, como a maioria dos jornalistas, não têm rotina certa; e quando já estava desistindo de tentar marcar um horário por telefone e pensando em procurar o William Bonner ou Patrícia Poeta que seria mais fácil, eis que surge a oportunidade de entrevistá-la na cozinha de nossa residência.

Mirrelle é morena, tem 1,73, cabelos curtos e negros, repórter do Equatorial Cidade, acadêmica de Jornalismo pela instituição Estácio Seama, solteira, mãe de um menino de quatro anos e filha mais velha de uma família de quatro irmãs.

Como sempre bastante atenciosa e solícita, senta-se na cadeira e começamos a entrevista, ela me conta que sua vontade de ser jornalista surgiu no decorrer de sua graduação, pois quando foi se inscrever no vestibular, apesar de já pensar em cursar Jornalismo, não estava certa se realmente queria seguir essa profissão. Então analisou as matrizes curriculares dos cursos e acabou se identificando mais com o curso de Comunicação Social com bacharelado em Jornalismo. Ela conta que a escolha deu certo, que a cada semestre vai aprendendo e se apaixonando mais pelo Jornalismo: “A vontade de ser jornalista veio com o aprender jornalismo”.

A repórter conta que o curso lhe mostrou a importância da graduação em Jornalismo na vida de um profissional da área. Embora saiba que existem excelentes profissionais que não chegaram a cursar, acredita que a graduação ensina a ética e a como ser um bom profissional, já que têm coisas que só aprendemos em uma graduação.

Além disso, segundo Mirrelle, ser jornalista não precisa ter dom ou vocação, mas é necessário que se tenha vontade e determinação, porque acredita que nenhum

jornalista já vem pronto, mas são moldados de acordo com o aprendizado e determinação de cada um.

A jornalista começou a atuar como repórter televisa antes mesmo de concluir sua graduação, começou estagiando na emissora Band, para o programa Jornal da Band Macapá e suas primeiras experiências na área começaram ali. Posteriormente, foi contratada para ser repórter do Equatorial Cidade, onde é chefe de sua equipe de reportagem. Ela relata que, apesar de ter trabalhado apenas com televisão, tem vontade de trabalhar com o radiojornalismo, uma vez que o mesmo despertou sua atenção e acha o veículo bastante popular.

Questiono quais as dificuldades que ela encontra no dia-a-dia como jornalista, e ela responde que são várias, tanto pelas condições de trabalho oferecidas, quanto ao desrespeito causado por jornalistas que não executam seu trabalho profissionalmente, disse: “A maioria das dificuldades que encontramos é que, dependendo da situação, o repórter não é visto como uma boa pessoa, tem gente que acha que estamos ali para atrapalhar, quando na verdade a intenção é outra. Mas por que as pessoas vêem a gente dessa maneira? Porque têm muitos profissionais... Quer dizer, pessoas que se dizem jornalistas, mas fazem muitas coisas pelo dinheiro e esquecem da ética profissional”.

Ademais, quando pergunto o que a profissão de repórter lhe proporciona que outra profissão não proporcionaria ela é categórica e responde que é a sinceridade. Visto que seu trabalho é para a comunidade, é algo muito exposto, e com isso a população se sente íntima dela. Com isso acabam opinando em seu trabalho, mas ela não acha isso negativo, relata que acha bom, uma vez que ao mesmo tempo em que recebe críticas, recebe carinho e elogios sobre o seu trabalho. Ela diz: “O que eu mais gosto é de estar perto das pessoas, ouvi a situação delas e tentar ajudá-las, encontrar uma solução indiretamente. Porque na verdade a gente trabalha é pra essas pessoas, e isso é gratificante”.

Ela revela que ouviu uma frase de um fotojornalista em um documentário que dizia “O jornalista é o advogado do povo” e que isso significou muito para ela, principalmente na hora de exercer seu trabalho. Ela relata: “Você chega a um local, a pessoa te conta o problema que está enfrentando com o intuito de que você a ajude. Então nossa função é, não diretamente, ajudá-la a resolver esse problema, no caso, através da mídia, do nosso trabalho”.

A repórter falou também sobre a relação de sua família com seu trabalho, disse que tem o apoio de seus familiares e que isso é muito importante. Contou que sempre conversa com seus pais e sua irmã, que também cursa Jornalismo, sobre suas matérias ou sobre questões de seu trabalho.

Sarah Rabelo de 14 anos, irmã de Mirrelle, diz que gosta da profissão que a irmã escolheu seguir, contou que normalmente os amigos, vizinhos e colegas de escola perguntam sobre sua irmã, que se sentem íntimos dela. Disse ainda que é comum sua família ficar atenta aos momentos que sua irmã aparecerá na Tv e que sempre conversam sobre seu trabalho.

Contou ainda que é comum ouvir na rua as pessoas falarem: “Mirrelle Rabelo para o Equatorial Cidade”, que é a assinatura da repórter na televisão, e disse não se incomodar, que isso só mostra que as pessoas conhecem o trabalho de sua irmã.

Aida Ferreira, 43 anos, mãe da repórter, relatou que é comum os pais se preocuparem com a escolha da profissão dos filhos e que duas de suas quatro filhas optaram em ser jornalistas. Em relação a Mirrelle disse que no início se preocupou, mas com o tempo percebeu que a filha havia feito a escolha certa porque percebe que ela gosta do que faz, e quando passou a vê-la na Tv começou a acreditar na escolha da filha.

Para finalizar pergunto como a repórter se imagina futuramente, e ela responde que se imagina bem mais profissional, porém fazendo algo que gosta: ser jornalista.

Jésseca Rabelo

Acadêmica do segundo semestre do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Amapá.

Perfil produzido para a disciplina de Mídia Impressa ministrada pela prof. Roberta Scheibe

Macapá/AP, março de 2013.